

Audiografias históricas e ensino de história: a experiência na escola Dom Velloso de Ouro Preto¹

Luiz Otávio Correa²

Resumo

Este texto apresenta os primeiros resultados da pesquisa que se está realizando na escola Dom Velloso de Ouro Preto sobre a produção de arquivos sonoros chamados de Audiografias. Estes são arquivos sonoros produzidos pelos alunos, na mediação com o professor. Pretendem ser ferramentas para o desenvolvimento de concepções críticas e desenvolver a consciência da História. A sala de aula é o espaço de produção das Audiografias, ao se contrapor à lógica mercantil da produção de arquivos sonoros. Pensadas enquanto práticas comunicativas alternativas, expressam processos coletivos e participativos, são instrumentos de aprendizagem distribuídos através de redes de comunicação. A produção audiográfica potencializa o processo de comunicação entre professores e alunos, e, portanto, possibilita a transmissão do conhecimento científico, utilizando alguns aspectos da linguagem do rádio, sem se confundir inteiramente com a linguagem desse meio, nem com sua vinculação com a indústria cultural.

Palavras-chave: História; Ensino de História; Audiografia; Consciência; Rádio.

1. Introdução

Nesse texto pretendemos apresentar a pesquisa que estamos realizando no doutorado em educação e que se relaciona ao conhecimento de História também. Refere-se a uma experimentação que estamos chamando de Audiografias históricas, uma atividade que envolve a produção e o ensino do conhecimento histórico no ambiente escolar. Trata-se da produção de pequenos arquivos sonoros que utilizam a linguagem do rádio como suporte para a realização, através da mediação entre professores, de uma conversa que possibilita o desenvolvimento educacional desses alunos, através de uma prática comunicativa.

A Audiografia histórica é uma ferramenta para o desenvolvimento de concepções críticas da realidade, que podem promover a consciência científica do conteúdo escolar e dos processos históricos, bem como também a transformação da realidade através da imaginação e da construção coletiva de uma nova prática social.

Discute-se como os processos de mediação escolar podem se transformar em uma práxis educadora. Trata-se de um experimento de produção audiográfica que utiliza a linguagem do rádio, mas não se confunde com essa mídia eletrônica, por criar uma nova circunstância da

¹ Luiz Otávio Correa, Doutor em História (UFF); Doutorando em Educação. (UFOP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2618-6494>. E-mail: lo.correa@hotmail.com

² Doutor em História. UFF. lo.correa@hotmail.com.

produção da cultura midiática em sala de aula. As Audiografias são constituídas no espaço escolar, portanto.

O objetivo geral da pesquisa é analisar, através de práticas comunicativas alternativas, as potencialidades da utilização desse instrumento mediador para o desenvolvimento da consciência científica da História. Para realizar essa análise, utilizou-se da metodologia dialética e materialista, que permitiu verificar os processos no ambiente escolar, mas especificamente na Escola Dom Velloso de Ouro Preto, local da experimentação. Fez-se necessário uma filosofia de ensino que balizasse essa perspectiva e escolhemos a Pedagogia Histórico-Crítica como norte, pois essa nos permitiu problematizar os processos de ensino-aprendizagem, a partir do materialismo histórico.

Partiu-se de uma hipótese, a visão de que Audiografias são capazes de permitir o desenvolvimento dos estudantes, ao produzirem sentidos (subjetivamente) e significações (objetivamente) que, partindo das suas práticas sociais dos alunos, elevam-se através das abstrações e conceitos científicos, para voltar para a prática social renovada (pela instrumentalização, problematização e catarse), uma transformação mediada pelo trabalho de professores.

A sala de aula é o espaço de produção das Audiografias, atividade que se contrapõe à lógica mercantil da produção de arquivos sonoros. Esse lugar cria uma circunstância que possibilita uma produção compartilhada de sentidos, que se espalha em uma rede, seja a produzida pela própria atividade, seja aquela que ultrapassa os limites da escola, nas malhas mais amplas de sociabilidade.

Esta hipótese foi problematizada ao longo da pesquisa de doutoramento e analisada através do método dialético, procurando observar essa uma prática comunicativa que se desenvolveu ao longo de alguns meses. Questões surgiram a partir dessa hipótese. Qual seria o sentido de se produzir Audiografias em um contexto marcado por formas hegemônicas de controle algoritmizados da produção simbólica? Seriam as Audiografias capazes de superar a lógica de entretenimento das indústrias culturais e possibilitar um conhecimento sintético da realidade, em vez de um conhecimento sincrético, como ocorre, muitas das vezes, nos meios de comunicação de massa?

O mais importante são os processos e operações que criaram uma relação de interação no ambiente escolar, permitindo a aprendizagem crítica dos conceitos científicos. Quando acrescentamos o processo de aprendizagem do conteúdo científico, mais especificamente o conhecimento histórico, outras questões surgem, ligadas às especificidades dessa ciência humana. Essas questões estão ligadas à capacidade de compreensão crítica dos processos de

uma maneira totalizante e ao desenvolvimento da produção de conceitos científicos, a partir de uma consciência criticamente constituída, superando o senso comum.

Partimos do pressuposto metodológico de que os instrumentos do pensamento não podem ser separados dos objetos aos quais se aplica e que a lógica tem uma dimensão histórica e dialética, para além da lógica formal. A perspectiva é a de que os passos a serem adotados devem partir da superação da dicotomia entre a pesquisa indutiva ou dedutiva. Deve-se partir da prática social e de seus processos, atingindo a abstração e retornando para a prática renovada, esgotada pela análise e síntese. A partir da observação empírica difusa e caótica, podemos chegarmos ao concreto, a partir de um trabalho de crítica, como nos ensina Demerval Saviani (2015).

Para realizar as operações de análise, foram organizadas sequências didáticas que foram se desenvolvendo ao longo da pesquisa. A produção do roteiro, visto como um instrumento que compõe a Audiografia, permitiu o trânsito entre o desenvolvimento da escrita e da oralidade. A linguagem é, para nós, a materialização da consciência e é através do desenvolvimento da linguagem que tentamos detectar como os alunos aprendem, como as Audiografias podem ser instrumentos constituintes de uma nova prática social dos estudantes.

2. O desenvolvimento da pesquisa

2.1 A trajetória

Já há alguns anos realizamos experiências em sala de aula no ensino fundamental, gravando áudios que são digitalizados e editados e que servem como instrumentos para os processos de aprendizagem.³ Como estamos discutindo essa experiência na sua relação com o conhecimento histórico, acrescentamos o adjetivo Histórica, o que circunscrevem esses processos às questões ligadas ao conhecimento historiográfico, num debate com as preocupações que lhe são específicas, no que se refere a essa ciência, a Ciência da História.

As primeiras experiências puderam ser mostradas desde nos primeiros Simpósios Internacionais de História Pública (2012, 2014, 2018), iniciando uma problematização sobre o significado da sua produção, como um contraponto à produção massiva de podcasts e de outras, que se dedicavam à divulgação do conhecimento histórico, mas sem a devida discussão sobre o seu significado do ponto de vista de uma perspectiva da filosofia do ensino.

Por exemplo, em 2018 foi publicado um texto que tentava sistematizar essas experiências que haviam sido realizadas em uma escola da periferia de Ouro Preto e que já se tratava de uma experiência

³ Para ver algumas dessas experiências ver: <https://soundcloud.com/luiz-otavio-905778873>

em sala de aula, na qual os alunos podiam produzir seus áudios, editar e gravar suas vozes que depois seriam editadas.⁴ Essa experiência foi distribuída através de redes sociais e repartida com a comunidade na Semana da Consciência Negra, que ocorreu em novembro daquele ano.

Uma mudança importante havia ocorrido nesse momento, que diferenciava das produções anteriores: a descoberta de que a sala de aula era a circunstância para a produção desses pequenos programas de rádio. O espaço escolar tornou-se embreado de possibilidades e as Audiografias se mostraram como um excelente instrumento para que se efetivasse uma nova relação de ensino/aprendizagem.

Ficava ainda uma inquietude em relação a uma filosofia de ensino que pudesse balizar toda aquela produção, que ainda tinha uma visão sincrética, mais ou menos vinculada a Pedagogia dos Projetos. Portanto, não se sustentava do ponto de vista científico, a nosso ver, pensando-as tal como o pensamos agora, em outras bases. À época, a preocupação centrava-se na questão do compartilhamento da dimensão pública da produção do conhecimento histórico, mas sem uma separação clara entre o que era a pesquisa e o desenvolvimento de uma didática do conhecimento histórico, que pensasse nas Audiografias como uma atividade de ensino e aprendizagem.

Portanto, não havia uma relação clara com a Teoria da Atividade e nem com Pedagogia Histórico-crítica, que balizasse o seu desenvolvimento de maneira teórica. Trazer essa discussão para a teoria educacional materialista e dialética, deu novos contornos à problematização que havia sido iniciada antes. Alguns elementos permaneceram das discussões anteriores como, por exemplo, a relação entre processo e produto ou a dimensão pública da produção audiográfica, mas uma virada na pesquisa permitiu ver as experimentações de um outro lugar, não mais numa dimensão vaga sobre o conceito de comunicação, bem como também sobre os processos de ensino e aprendizagem, mas nas relações entre professores e alunos, nas interações dialéticas que, partindo do desenvolvimento da linguagem, pudessem constituir-se numa nova forma de consciência socialmente construída no processo. Ficou clara a necessidade de uma dimensão concreta e material, ver as Audiografias como uma prática comunicativa inserida em uma circunstância, o espaço escolar, nas suas contradições e dinâmicas.

Em suma, o encontro com a Pedagogia Histórico-Crítica foi um salto qualitativo nas pesquisas, ao permitir que, na sua relação com a Psicologia Histórico-Cultural, se pudesse fazer enxergar como as Audiografias eram potencialmente capazes de desenvolver a consciência em sala de aula, o conhecimento refletido da História, através de um contrato de comunicação permitido por essa ferramenta, por esse instrumento social de aprendizagem.

⁴ Ver: CORREA, Luiz Otávio. ALMEIDA, Juniele Rabelo de Almeida. *Rádio e Ensino de História: Práticas de História Pública com audiografias coletivas*. História Pública e o ensino de História. Organizadores Miriam Hermetto, Rodrigo de Almeida Ferreira. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021. 230 p.

Mais do que alimentar os sentidos, subjetivamente constituídos e constituintes da experiência humana, cabe-nos perguntar nesta fase da pesquisa, partindo da perspectiva crítica e histórica da pedagogia, como a produção de sons é capaz de alimentar a dialética do conhecimento da realidade concreta, os significados constituídos nas relações sociais e nas mediações do processo educacional. Se as pesquisas anteriores sobre a produção audiográfica concentravam-se numa perspectiva mais empírica do conhecimento sobre esses processos de produção, nesta nova proposta de pesquisa, o trabalho ganha uma perspectiva Dialética e Histórica, a práxis, onde a preocupação é com o desenvolvimento das potencialidades do aluno e dos professores, que se utilizam de tal ferramenta mediadora. Perguntamos então sobre as condições concretas da produção desses pequenos programas de rádio, dentro da realidade material em que estão inseridas, tendo como norte a relação imbricada entre a teoria e a prática social do conhecimento científico, no intuito de promover o desenvolvimento da consciência da História, balizar das transformações da humanidade.

As Audiografias, pensadas enquanto práticas comunicativas alternativas, expressam processos coletivos e participativos para criação de arquivos sonoros, distribuídos através de redes de comunicação. Então, podemos chamá-las de podcasts? Consideramos o termo demasiadamente genérico para tratá-lo dessa maneira, não sendo capaz de incitar a problematização que estamos querendo nessa pesquisa. (CORREA, 2021).

Isto não significa que as Audiografias não podem ser distribuídas como podcasts, através dos serviços de streaming ou de plataformas de distribuição de áudio, mas consideramos que a palavra podcast não comporta as preocupações daqueles que a produzem procurando ampliar o desenvolvimento da ciência e do conhecimento Histórico. Podemos ainda ampliar essa discussão no sentido de relacioná-la ao processo de educação, já que as Audiografias são ferramentas para o ensino e a aprendizagem. Os podcasts tem por característica, na maioria das vezes, privilegiar o consumo de bens culturais nas redes sociais. A produção de Audiografias tem uma situação específica e suas operações ocorrem no espaço escolar e não servem ao desfrute descuidado das indústrias culturais, apesar de incorporar alguns elementos dessas. A produção é voltada para compreensão sistemática do conhecimento científico e para sua democratização.

2.2 Resultados e discussões

Como primeiros resultados, poderíamos dizer que a Audiografia é um instrumento cultural que produz uma possibilidade de incorporação crítica dos conteúdos escolares de maneira coletiva; é um arquivo sonoro produzido na mediação entre professores, alunos e a comunidade escolar, utilizando certas estratégias discursivas que o meio de comunicação rádio foi desenvolvendo desde que apareceu como mídia eletrônica.

A Audiografia é uma atividade que não se confunde com os produtos do meio de comunicação de massa rádio, pois está inserida em uma circunstância, o espaço escolar, e tem um outro motivo, qual

seja a sua ligação com o conhecimento sistematizado e científico, o que a circunscreve em uma situação específica no conjunto das atividades midiáticas contemporâneas.

Na atividade audiográfica, o conjunto das ações de cada um dos estudantes formam uma totalidade concreta, um produto em que o resultado do conhecimento é partilhado. A fragmentação dos processos de aprendizagem, não se constitui como uma possibilidade nesse tipo de atividade, pois há uma unidade dialética entre o sentido, pessoalmente constituído psiquicamente, e o significado produzido nesses processos de mediação e de transmissão compartilhada do conhecimento.

A produção da atividade audiográfica pertence ao grupo que o produziu e ao conjunto da comunidade com quem foi compartilhado. Cria uma situação em que professores e estudantes se reconhecem como agentes de um processo de criação de arquivos sonoros, uma relação na qual o produto é o resultado de uma circunstância pedagógica, capaz de promover a transmissão do conhecimento escolar e a aprendizagem dos alunos.

As Audiografias são produzidas pelas ações de planejamento e desenvolvimento de operações. Essas possuem várias etapas, pensadas antecipadamente pelo professor (ou em conjunto com a coordenação pedagógica através do planejamento) tais como a produção do roteiro, a gravação das vozes, a edição do material produzido a partir dos textos disponibilizados pelo professor, a escolha das trilhas que comporão o arquivo sonoro, a escuta dos alunos e disponibilização do resultado da produção para a comunidade (pais, mães, avós, amigos e outros). Todos esses processos promovem o processo de internalização do conhecimento escolar, do conteúdo clássico produzido pelo conjunto da humanidade.

Durante o seu processo de produção, o conjunto das ações podem resultar no desenvolvimento da atenção, da memória, da percepção e de outras funções psíquicas que interferem no desenvolvimento da escrita, da leitura e de uma nova concepção de mundo para além do senso comum, através da mediação do professor.

O motivo central das audiografias é constituir-se como um instrumento para a aprendizagem do conteúdo escolar pelos estudantes. O objetivo da Audiografia é criar um produto. Mas a razão de ser da produção audiográfica é potencializar o processo de comunicação e, portanto, possibilitar a transmissão do conhecimento científico, utilizando alguns aspectos da linguagem do rádio, sem se confundir inteiramente com a linguagem desse meio, nem com sua vinculação com a indústria cultural midiática.

Todas essas etapas, que se constituem dialeticamente, transformam a Audiografia em um processo/produto humanizador, capaz de desenvolver faculdades superiores que subvertem a forma como é pensada a produção midiática pelo capitalismo cultural, forma que depende da mercantilização dos produtos, vistos como mercadorias.

Do ponto de vista da filosofia do ensino, a razão da produção das Audiografias é gerar uma consciência que não se submeta à lógica das empresas capitalistas produtoras de cultura, pois sua razão de existir não está ligada à concorrência no mercado, ou quaisquer tentativas de usar de mecanismos plásticos que lhe tirem os seus motivos, que são a aprendizagem do conhecimento científico e a geração de um ser humano mais consciente de seu mundo. Nesse aspecto, reconhecemos que as Audiografias, tal como a pensamos, são instrumentos de transformação da sociedade, no microcosmo da sala de aula.

Defende-se que as Audiografias se diferenciam de outras formas de produção midiática por se relacionar, de determinada maneira, ao princípio lukacsiano(1974) de que as formas culturais desantropomorfizadas, desenvolvidas ao longo da História, são capazes de permitir que o ser humano se enxergue como produtor de seu mundo, combatendo as formas mágicas do conhecimento mitológico e a “inconsciência” de que é ele mesmo que produz o seu mundo e que, portanto, tem direito ao resultado de seu trabalho.

Nesta perspectiva, as Audiografias pretendem contribuir para o processo de laicização do mundo e para o desenvolvimento da consciência, tendo como ponto de partida o conceito de que o ser humano produz a sua história através do trabalho coletivo da humanidade. Como resultado da produção em sala de aula, essa atividade se realiza a partir de uma divisão das tarefas na qual os estudantes poderão apropriar coletivamente do que produziram através de uma escuta ativa.

De uma maneira geral, o trabalho é uma ação sobre a natureza, realizada por instrumentos, meios pelos quais podemos modificar e dar forma ao mundo, segundo a perspectiva do próprio ser humano, que cria, antecipando a essa natureza, psiquicamente através do reflexo, novas formas, um novo mundo e novas relações, já que é uma atividade sempre compartilhada, social. Para Marx, o trabalho é essencialmente uma atividade social, com uma divisão. No modo de produção capitalista, o trabalho social é apropriado por uma classe que explora outros seres humanos, como sabemos, promovendo um processo de alienação (MARX, 2004). Portanto, defende-se que a Audiografias possam colaborar, de alguma forma, para os processos de conscientização de que, na relação processo-produto, os estudantes tomem como seus, o resultado do trabalho que estão realizando.

A forma da Audiografia se insere, criticamente nas contradições do sistema de produção simbólica como negação das indústrias midiáticas. Por um lado, ela se efetiva nas formas desenvolvidas de conversação e de comunicação. Por outro, cria vínculos não-alienados, ao permitir ver o resultado coletivo do trabalho de produção do conhecimento histórico, compartilhado por todos, com a comunidade, nas redes mais íntimas, na sala de aula.

Pensar a Audiografia como uma tomada de consciência é, para nós fundamental, portanto. Mas o que essa categoria significa? A consciência é reflexo pelo sujeito da realidade, da sua própria atividade, de si mesmo.

Consciência é co-conhecimento, mas somente no sentido de que a consciência individual pode existir mediante à existência da consciência social e da língua, que são seu substrato real. No processo de produção material, as pessoas também produzem linguagem, que funciona não somente como um meio de comunicação, mas também como portadoras de significados socialmente elaborados, fixados nela (LEONTIEV, 2021, p. 119).

Incluimos na nossa proposta de produção de arquivos sonoros, um estudo sobre a necessidade de um indivíduo ouvir o outro, para poder melhor se escutar. A comunicação humana e o desenvolvimento da linguagem são vitais para a realização de uma ação consciente no mundo, que pode libertar os indivíduos e a sociedade de situações de alienação.

3. Conclusões

Na maneira como pensamos as Audiografias, o homem vive de um modo porque cria um mundo, material e imaginativamente. Toda criação ideal tem uma relação com a realidade material. “Pensamento e consciência são determinados pela existência material”, pela vida das pessoas, e existem apenas como um “produto do desenvolvimento do sistema de relações objetivas” (LEONTIEV, 2021, p. 45) Nessa dialética entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo, os indivíduos transformam a sua realidade e constroem relações, criam necessidades novas para além de seus instintos e através de sua atividade vital, que é o trabalho.

A consciência nasce da necessidade de transformar a natureza e a si mesmo. Eis pois a chave para a compreensão da Audiografia como uma atividade capaz de, potencialmente, modificar as condições para o desenvolvimento da consciência, não como uma relação mágica e mental, mas como um produto concretamente constituído, gerador de uma nova necessidade material e psíquica, coletivamente construída, nas condições históricas em que se produz.

Vemos as Audiografias como uma atividade que pode significar um passo na direção da desalienação do ser humano, pois permitiria, tal como nós a pensamos, reconhecer o mundo concreto para além da nuvem das ideologias, aqui no sentido marxista da palavra. Ao realizar práticas comunicativas críticas, os alunos poderiam desenvolver uma ação no mundo e dentro dos limites da sua proposta, transforma-lo através das práticas comunicativas e culturais, transformando a si mesmo.

A Audiografia pode significar um ato de transformação dos estudantes. O que dá sentido à atividade individual de cada um deles é a atividade social criada na mediação com os professores. Por esse motivo, defendemos que a sala de aula é uma circunstância em que se pode desenvolver tal atividade. Este espaço dá às ações dos indivíduos estudantes um motivo, pois, como nos ensina Newton Duarte, “somente como parte desse conjunto é que ação individual adquire um sentido racional”(2004). Essa totalidade se dá de tal maneira que a personalidade do ser humano se forma também como uma consciência social, uma consciência em desenvolvimento e em determinadas condições.

Quando essa ação é acompanhada de um motivo ela se transforma em uma atividade e é capaz, dessa forma, de desenvolver a consciência, através do desenvolvimento único da personalidade de cada indivíduo. Não é qualquer escuta que é, portanto, um ato de apropriação crítica do conjunto da totalidade do conhecimento humano, mas aquela em que as atividades críticas do ser humano criam condições para tal.

Somente uma produção da cultura que permita perceber certos elementos não evidentes do mundo empírico, envoltos pela ideologia de certos grupos sociais⁵ e que envolva o ato consciente de escutar, é capaz de se transformar em uma atividade não alienada. Uma escuta crítica permite a tomada do mundo para si, não como uma operação mental apenas, mas na relação com as totalidades concretas. Cada ato de escuta é uma ação no mundo. Cada escuta individual é também uma escuta coletiva, uma conversa, uma prática comunicativa.⁶

Ouvir é uma ação que não opõe o ideal ao material. O ouvido social é fruto da relação de cada indivíduo com o mundo. Ouvir é uma função humana que se constitui na relação com a realidade, no encontro com o outro. Começa na prática de audição, que tem a intencionalidade da compreensão da fala e dos sons do mundo e pode adquirir a forma de atividade consciente, na linguagem da produção sonora que tem suas especificidades, musicais ou na reprodução simbólica do mundo.

Referências

CORREA, Luiz Otávio. *O futebol e o rádio: audição coletiva, redes nacionais e o esporte na Inconfidência*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 22, n. 37, Novembro de 2021.

CORREA, Luiz Otávio. ALMEIDA, Juniele Rabelo de Almeida. Rádio e Ensino de História: Práticas de História Pública com audiografias coletivas. *História Pública e o ensino de História*. Organizadores Miriam Hermetto, Rodrigo de Almeida Ferreira. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021. 230 p.

DUARTE, Newton. *Formação do indivíduo, consciência e alienação*. O ser Humano na psicologia de A. N. Leontiev. Cad. Cedes. Campinas. V. 24. Pg 44-63. Abril de 2004.

ENGELS, F.; MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. - São Paulo: Boitempo, 2007

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. HERMETTO, Miriam. *História Pública e o ensino de História*. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021. 230 p.

KARL, Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo, Boitempo, 2004.

⁵ Aqui no sentido negativo, tal como pensava Marx, como uma ideologia de classe.

⁶ Ver CORREA, Luiz Otávio. *O futebol e o rádio: audição coletiva, redes nacionais e o esporte na Inconfidência*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 22, n. 37, Novembro de 2021.

LEONTIEV, A.N. *Atividade consciência, personalidade*. Bauru, SP: Mireveja, 2021.

LEONTIEV. A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo, SP: Centauro, 2004. P. 130

LUKÁCS, G. *La desantropomorfización de Del Reflexo em la Ciência*. Estética. Barcelona: Grijalbo. V.1. 1974.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. 1ª reimpressão. Brasília: Editora UNB, 2010.

Audiografias históricas y enseñanza de la historia: la experiencia en la escuela Dom Velloso de Ouro Preto

Resumen

Este texto presenta los primeros resultados de la investigación realizada en la escuela Dom Velloso de Ouro Preto sobre la producción de archivos sonoros denominados Audiografías. Se trata de archivos sonoros elaborados por los alumnos, en mediación con el profesor. Pretenden ser herramientas para desarrollar concepciones críticas y desarrollar la conciencia de la Historia. El aula es el espacio para la producción de Audiografías, frente a la lógica comercial de la producción de archivos sonoros. Diseñados como prácticas comunicativas alternativas, expresan procesos colectivos y participativos, son instrumentos de aprendizaje distribuidos a través de redes de comunicación. La producción audiográfica potencia el proceso de comunicación entre profesores y estudiantes, y, por tanto, posibilita la transmisión de conocimientos científicos, utilizando algunos aspectos del lenguaje radiofónico, sin confundirse del todo con el lenguaje de este medio, ni con su vinculación con la industria cultural.

Palabras clave: Historia; Enseñanza de la Historia; Audiografía; Conciencia; Radio.

Audiographies historiques et enseignement de l'histoire : l'expérience de l'école Dom Velloso de Ouro Preto

Résumé

Ce texte présente les premiers résultats des recherches menées à l'école Dom Velloso d'Ouro Preto sur la production de fichiers sonores appelés Audiographes. Il s'agit de fichiers sonores produits par les élèves, en médiation avec l'enseignant. Ils se veulent des outils pour développer des conceptions critiques et développer la conscience de l'Histoire. La salle de classe est l'espace de production d'Audiographes, à l'opposé de la logique commerciale de production de fichiers sonores. Pensés comme des pratiques communicatives alternatives, ils expriment des processus collectifs et participatifs, ce sont des instruments d'apprentissage diffusés à travers les réseaux de communication. La production audiographique améliore le processus de communication entre enseignants et étudiants et permet ainsi la transmission de connaissances scientifiques, en utilisant certains aspects du langage radiophonique, sans se confondre entièrement avec le langage de ce média, ni avec son lien avec l'industrie culturelle.

Mots-clés : Histoire ; Enseigner l'histoire ; Audiographie ; Conscience; Radio.

Historical audiographies and history teaching: the experience at the Dom Velloso school in Ouro Preto

Abstract

This text presents the first results of the research being conducted at the Dom Velloso school in Ouro Preto on the production of sound archives called Audiographies. These are sound archives produced by students, in collaboration with the teacher. They are intended to be tools for the development of critical concepts and to develop awareness of History. The classroom is the space for the production of Audiographies, as it opposes the commercial logic of the production of sound archives. Conceived as alternative communication practices, they express collective and participatory processes, and are learning instruments distributed through communication networks. Audiographic production enhances the communication process between teachers and students, and therefore enables the transmission of scientific knowledge, using some aspects of the language of radio, without being entirely confused with the language of this medium, nor with its connection to the cultural industry.

Keywords: History; Teaching of History; Audiography; Consciousness; Radio.